



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### O ENSINO EM DISCUSSÃO: VISÃO DOS EDUCANDOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO EUCLIDES DANTAS SOBRE A DISCIPLINA GEOGRAFIA

Aline de Sousa Oliveira<sup>321</sup>  
(UESB)

#### RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo identificar através de um questionário a relação dos educandos com a disciplina geografia. A turma (x) escolhida foi do Ensino Fundamental II (8ª série - 9º ano) no turno vespertino do Instituto de Educação Euclides Dantas – IEED em Vitória da Conquista na Bahia. Esta turma seria regida posteriormente por um educador – estagiário da área de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. As metas estabelecidas neste diagnóstico foram de promover novas formas de didática para que a cada ano de estágio supervisionado no instituto as aulas de geografia possam ser mais dinâmicas, produtivas e instigar nos educandos um ensino mais crítico e construtivo a partir da realidade local onde estão inseridos.

**PALAVRAS – CHAVE:** Geografia, Ensino, Formação.

#### INTRODUÇÃO

A geografia como ciência da sociedade e da natureza aborda a necessidade de coerência do educador, sobre a sua opção teórica - metodológica ao fazer a leitura do espaço geográfico. Foi a partir do século XVIII que a geografia reuniu

---

<sup>321</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Pós – Graduada em Especialização Lato - Sensu em Análise do Espaço Geográfico pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Estrada do Bem Querer s/n, Km 04, Caixa Postal 95, CEP 45083-900. Departamento de Geografia – DG, Vitória da Conquista – BA, Brasil. Email: [linegeografia@yahoo.com.br](mailto:linegeografia@yahoo.com.br)



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

condições para se constituir como ciência. Segundo Karl Ritter era preciso valorizar a relação entre o homem e a natureza e as formas de ocupação do espaço e do território e para o filósofo Karl Marx o importante era verificar a relação entre o homem e a natureza, ao considerar que o homem transforma o meio ambiente pelo acúmulo de capitais, através do trabalho. Todavia, Friedrich Ratzel com idéias deterministas valorizava os fenômenos naturais como modeladores da história, sendo o estado um organismo responsável pelo território nacional.

A partir do século XIX o pensamento geográfico francês encontrou espaço na sociedade com as discussões de Vidal de La Blache que valorizava a paisagem observada, a particularização da área enfocada (traços históricos e naturais), comparação das áreas estudadas e do material levantado. Nesta perspectiva científica a Geografia Tradicional passava a ser introduzida como disciplina em todas as séries do ensino básico na França, justamente no período da Terceira Reforma Francesa<sup>322</sup>. Também foram criadas as cátedras e os institutos de geografia para formar geógrafos e educadores de geografia. Moreira (1994) acrescenta que,

A separação entre o homem e o meio que se evidencia em Humboldt e Hitter – o primeiro por ter dado ênfase maior ao meio e o segundo por ter dado ênfase maior ao homem – ganhará entre os franceses um caráter sistemático. Com a “escola francesa” a geografia ganhará sua imagem atual semelhante a um armário: a geografia divide-se em geografia física (Humboldt) e em geografia humana (Ritter), que se subdividirão ao infinito. A multidão de ramos em que a geografia fica dividida seguirá notável progressão. Dessa forma, a “árvore” da geografia ramifica-se fantásticamente (MOREIRA, 1994, p. 37-39).

---

<sup>322</sup> Terceira Reforma Francesa: A Revolução é considerada como o acontecimento que deu início à Idade Contemporânea. Aboliu a servidão e os direitos feudais e proclamou os princípios universais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” (Liberté, Egalité, Fraternité) [...] Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução\\_Francesa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução_Francesa)>. Acesso em Jul. 2010.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Assim, “os princípios da escola francesa nortearam as primeiras gerações de pesquisadores brasileiros e o trabalho pedagógico dos docentes [...]” (MORAES 1987 apud. PONTUSCHKA et al, 2007, p. 44). As tendências da geografia tradicional nas salas de aulas brasileiras nortearam pela década de 50 em diante, mas as questões sociais, econômicas e políticas ainda eram neutras dentro do ensino de geografia, assim,

No Brasil, o ideário produzido pela escola francesa chegou aos bancos escolares por meio dos licenciados, que, de posse do saber científico desenvolvido na universidade e com o auxílio de livros didáticos, escritos por professores universitários, elaboravam suas aulas, produzindo um saber para os diferentes níveis de ensino (PONTUSCHKA et al, 2007, p. 44).

Alguns geógrafos que buscavam a compreensão sobre o espaço geográfico na relação entre o homem e a natureza passaram a buscar novas teorizações e novos paradigmas para a geografia. Surge a Geografia Crítica em 1970 na França, se expandindo na Alemanha, no Brasil, na Itália, na Espanha, na Suíça, no México e entre outros países. Isso ocorreu devido a produção do livro de Yves Lacoste (*A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*). Desse modo, o pensamento envolto na geografia torna-se crítico e voltado para as questões sociais que envolvem a sociedade: educação, saúde, moradia, democracia, direito e deveres, movimentos sociais, etc.

Cavalcanti (1998), afirma que “no contexto dessas transformações gerais da sociedade e de sua dinâmica espacial, insere-se o ensino de Geografia” (CAVALCANTI, 1998, p. 18). Essas Transformações citadas pela autora, diz respeito ao processo de desvinculação entre a Geografia Marxista, Tradicional e Quantitativa, para uma Geografia Crítica a partir dos anos 90. Essa nova geografia popularizada no ambiente escolar desde meados do século XVIII, por Kant,



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Humboldt, Ritter e Ratzel, foi caracterizada no decorrer dos tempos como a “escola alemã”, a “escola francesa”, a “escola anglo-saxônica” e a “escola sueca”. No entanto, Pestalozzi,

Sugere que procedamos como na aparência procede o conhecimento geográfico: do espaço empírico, vivido, para sua descrição e sua explicação, sem sair do mundo empírico. E o que será um manual didático de geografia senão isto? O que é a “geografia escolar” senão uma “visão de mundo” ou uma “concepção de mundo”? E qual “configuração de mundo” difunde a “geografia do professor”? A que só mostra a aparência, isto é: relações entre coisas ou entre sistemas de coisas. Assim, falará da “relação campo-cidade”, de “relação inter-regiões”, de “relação intercidades”, de “relação países desenvolvidos-países subdesenvolvidos”, de “relação norte-sul”, de “relação ocidente-orientes”, de “relação centro-periferia”, de relação ricos-pobres” (PESTALOZZI, 1746 – 1827 apud MOREIRA, 1994, p. 70).

O ensino educacional é uma ação mediada por educadores que através da prática pedagógica promove nos educandos o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, que constituem o caminho para a formação de cidadãos intelectualmente providos de conhecimentos em diversas áreas do campo da ciência. Reafirmando,

A única maneira de ajudar o homem a realizar sua vocação ontológica, a inserir-se na construção da sociedade e na direção da mudança social, é substituir esta captação principalmente mágica da realidade por uma captação mais e mais crítica. (FREIRE, 1980, p. 52 apud KAERCHER, 2003, p. 49).

Quando se faz referência ao ensino de Geografia o objeto de estudo é o espaço geográfico, que é produzido através da relação entre o homem, a natureza e o próprio espaço produzido. Segundo Moreira (1994, p.85-86),



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

O espaço geográfico é a materialidade do processo do trabalho. É a “relação homem-meio” na sua expressão historicamente concreta. É a natureza, mas a natureza em seu vaivém dialético: ora a primeira natureza que se transforma em segunda, ora mais adiante a segunda que reverte em primeira, para mais além voltar a ser segunda. É a história em seu devir perpétuo. História na sua expressão concreta de dada sociedade.

Nesse contexto, Moreira (1994) apresenta o “espaço de acumulação” (produzido pelo trabalho); o “espaço e a sociedade” (relação que acontece entre a história dos homens e o processo do trabalho), o “espaço e lutas de classes” (presença do capitalismo e as contradições entre a classe burguesa e operária); o “espaço da produção de mais-valia” (acumulação de capital); o “espaço do monopólio” (monopólio da concentração de produção) e o “espaço do poder” (pelo controle político, econômico). Essa contextualização defronta-se com o estudo simultâneo do espaço e do tempo, onde cabe a Geografia localizar o fenômeno no espaço e a história localizar o fenômeno no tempo. Kaercher (2003) afirma que [...] “a Geografia estuda a relação Sociedade - Natureza, e essa é uma relação constante, o homem transforma a si e ao espaço” [...] (KAERCHER, 2003, p. 79).

Desse modo a geografia tem o comprometimento de proporcionar o conhecimento sobre as categorias geográficas: espaço, paisagem, lugar, território e região, uma vez que, “os conceitos geográficos são instrumentos básicos para a leitura do mundo do ponto de vista geográfico” (CAVALCANTI, 2002, p. 15). Com base no ensino do espaço vivido do educando para o espaço em sua totalidade “[...] o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições” (CAVALCANTI, 1998, p. 20).

Nessa perspectiva o educador deve fazer com que os educandos tenham a consciência da espacialidade, como os fenômenos presenciados que fazem parte da história da sociedade onde estão inseridos, pois, “o raciocínio espacial é



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

importante para a realização de práticas sociais variadas, já que essas práticas são práticas socioespaciais” (CAVALCANTI, 2002, p. 13).

O educador ao trabalhar com essa metodologia espacial de intercalar as coisas que envolvem o educando, também estimula a interdisciplinaridade<sup>323</sup> na unidade escolar, porque os temas quando pensados em nível social inferem discussões preliminares que abordam vários aspectos do processo organizacional da sociedade: setor econômico, político, social e cultural. Assim,

As escolas e os professores que trabalham com o conhecimento e com sua transformação em sala de aula têm um compromisso com a formação do “homem inteiro”, e, para, isso, formas alternativas e criativas de ação pedagógica necessitam ser buscadas. Dentre elas, destacam-se as práticas interdisciplinares (PONTUSCHKA et al, 2007, p. 148 -149).

Ao trabalhar com geografia é comumente elaborar um tema gerador e questões geradoras no objetivo de saber quais os conhecimentos prévios dos educandos na discussão do tema proposto, por meio, da metodologia dialógica para que possa ser construído em grupo o conhecimento científico. As etapas para que isso ocorra na área educacional, conforme Pontuschka (2007) são: o “levantamento preliminar da realidade” (coleta de dados sobre o assunto); a “socialização das situações diagnosticadas” (problematização das informações obtidas); “o estudo problematizador dos dados e informações” (identificação da visão de mundo no âmbito filosófico e ideológico que compete ao professor - pesquisador no processo da discussão do tema gerador).

---

<sup>323</sup> Interdisciplinaridade: Diz respeito “à abertura de um espaço de mediação entre conhecimentos e articulação de saberes, no qual as disciplinas estejam em situação de mútua coordenação e cooperação, construindo um marco conceitual e metodológico comum para a compreensão de realidades complexas” (CARVALHO, 2008, p. 121).



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Como exemplos de temas geradores que podem ser trabalhados em geografia, tem-se as realidades espaciais e sociais do lugar onde a escola está localizada, o seu entorno como a moradia, o trabalho, o transporte, o saneamento básico e a convivência da comunidade local. É notório que “o espaço físico da sala de aula estende-se ao pátio, à favela, ao córrego, à loja, a casa em construção” (PONTUSCHKA et al, 2007, p. 157). Então, a autora Pontuschka, cita como exemplo o tema gerador: “A ocupação irregular do espaço do bairro”, que pode ter como uma das questões geradoras: “ de que forma a ocupação irregular do solo reflete na vida da escola e da comunidade?”, e pela geografia é possível fazer o seguinte questionamento: “As condições geográficas podem gerar problemas na ocupação dos solos?”. A geografia serve para isso instigar no educando situações que ele vivencia e que observa na sociedade a qual pertence. Assim, o tema gerador referido acima aborda as questões sociais e naturais do espaço, que de todo modo, preestabelece o domínio dos conhecimentos geográficos em especial as categorias geográficas. Nesse contexto, a autora Cavalcanti (2007) reafirma que:

Um ensino crítico de geografia não consiste pura e simplesmente em reproduzir num outro nível o conteúdo da (s) geografia (s) crítica (s) acadêmica (s); pelo contrário, o conhecimento acadêmico (ou científico) deve ser reatualizado, reelaborado em função da realidade do aluno e do seu meio [...] não se trata nem de partir do nada e nem de simplesmente aplicar no ensino o saber científico; deve haver uma relação dialética entre esse saber e a realidade do aluno - daí o professor não ser um mero reproduzidor, mas um criador (VESENTINI, 1987, p. 78 apud CAVALCANTI, 1998, p.22)

O educador licenciado em geografia deve estar atento as mudanças que ocorrem no mundo contemporâneo, porque o espaço tornou-se global, interligado por redes de comunicação, de relações comerciais e políticas, por isso, na geografia



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

a construção dos conceitos geográficos permeia com a prática pedagógica, atrelada ao planejamento e as metodologias de ensino utilizadas pelo educador. Então, surge o questionamento: “O que ensinar em geografia?”; “Como ensinar Geografia?”; Para que ensinar Geografia?”. As respostas são conseguidas quando ocorre a relação entre o conteúdo e o método.

Os conteúdos de geografia precisam estar relacionados, “ensinar geografia significa dar conta do processo que levou à atual organização do espaço, e este é adequado à realização do trabalho” [...] (ALMEIDA, 1991, pp. 85-86), isto é, o ensino dos conteúdos das séries trabalhadas não devem ser transmitidos e programados, porque na geografia os acontecimentos estão em constante transformação na relação homem - meio e como ensinar parte do pressuposto de que o educando precisa aprender a observar o espaço a sua volta e precisa “ser levado a estabelecer comparações, relacionando elementos de diversas ordens” (ALMEIDA, 1991, p. 87) ele deve também “definir critérios de classificação: aproximando ou agrupando fatores que influenciem sobre os fenômenos e processos em estudo” (ALMEIDA, 1991, p. 87- 88). Todavia, para que ensinar geografia abrange a seguinte colocação:

Os professores precisam perceber que seu papel no processo de democratização de nossa sociedade consiste em, principalmente, desenvolver uma prática pedagógica não alienante, mas conscientizadora. E o ensino da geografia serve para isso (ALMEIDA, 1991, p. 89).

O caminho para desenvolver o ensino de geografia deve se fundamentar na mediação do educador, através da compilação de objetivos, conteúdos e métodos, sendo os procedimentos a forma operacional para desenvolver o processo de conhecimento dos conteúdos de geografia. Entretanto, [...] “o objetivo do ensino de Geografia é o de desenvolver o pensamento autônomo a partir da internalização do



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

raciocínio geográfico [...]” (CAVALCANTI, 2002, p. 35). Nesse processo torna-se essencial a organização dos conteúdos de geografia.

### **A visão dos educandos do ensino fundamental II sobre a disciplina geografia**

Na prática da educação crítica e social os educadores precisam propiciar aulas interativas, conhecer aquilo que o educando pensa, relacionar o conteúdo com as realidades sociais e tornar possível o trabalho interdisciplinar. Pensando nisso, foi aplicado um questionário sobre a disciplina Geografia, na turma (x) da 8ª série - 9ª ano, do turno vespertino do Instituto de Educação Euclides Dantas – IEED, para 16 educandos, uma vez, que o número de matriculados é 32 e os que freqüentam as aulas de geografia são apenas 21. No entanto, dificilmente nas aulas de geografia estavam presentes os 21 alunos.

Dos 16 educandos entrevistados a idade varia de 13 a 25 anos, 11 são do sexo feminino e 05 do sexo masculino (Figura 01). Os educandos que moram em Vitória da Conquista são 15 e apenas 01 reside no povoado de Itapirema no município de Vitória da Conquista - BA (Figura 02).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

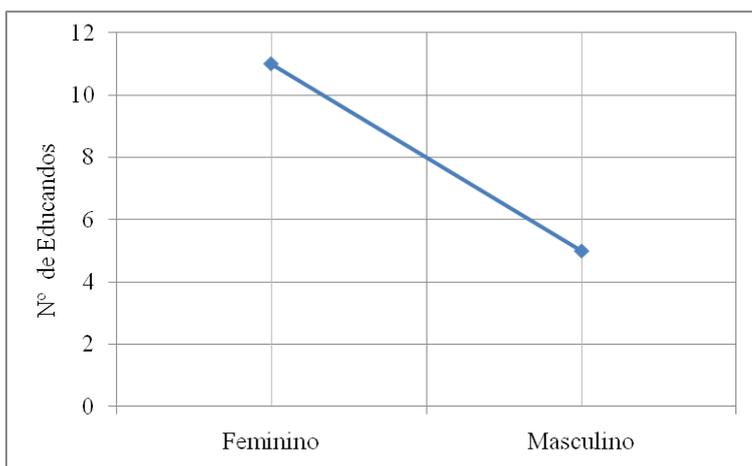


Figura 01: **Relação de gênero dos educandos: Sexo (F/M).**

Fonte: OLIVEIRA. Pesquisa de campo, Abr. 2010.

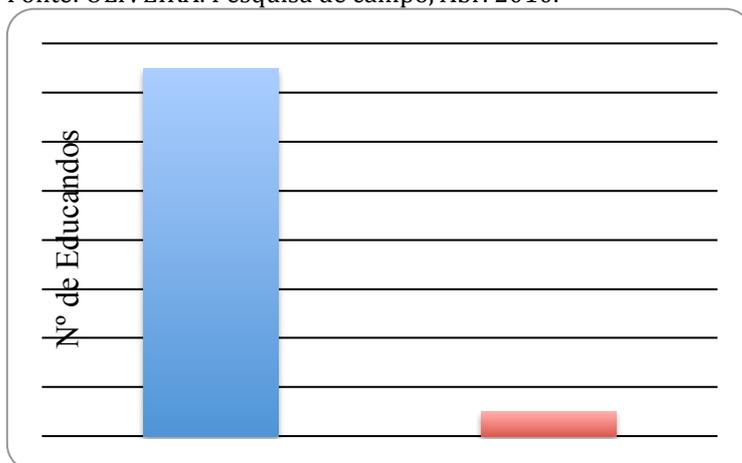


Figura 02: **Local de residência dos educandos do IEED.**

Elaboração: OLIVEIRA. Pesquisa de campo, Abr. 2010.

Na questão o que os educandos entendem sobre o que é a geografia as respostas foram às seguintes: “estuda o nosso dia a dia”; “é uma matéria interessante e que na sala de aula é bem explicada”; “é o estudo do mundo e seus acontecimentos [...]”; “eu entendo que geografia não estuda só: estado, cidade, capital e país, mas também sobre economia, desigualdade social etc.”; “a geografia estuda o espaço geográfico”; “bom, geografia é uma disciplina que estuda os aspectos do mundo” e “é um ensino que não se pode faltar em nossas vidas”.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

As respostas acima destacadas condizem à afirmação sobre a geografia referida por Carlos (2003) onde “[...] a geografia aparece como possibilidade de pensar o mundo real e a sociedade num mundo fragmentado, apesar de global” (CARLOS, 2003, p. 08).

Todavia, sobre como os educandos percebem a geografia as respostas não foram objetivas e não corresponderam a espacialidade do estudo geográfico, porque relacionaram a geografia apenas “como uma matéria importante”; “percebida na infra-estrutura da escola”; e mediada “pela professora”. Em nenhum momento foi citado projetos realizados, a relação entre o espaço por eles ocupado, vivenciado na unidade escolar, formas de localização, construção de espaço no trajeto da residência até a escola, o parque, por exemplo. Conforme Cavalcanti,

No caso específico da Geografia, entre as capacidades e habilidades para se operar com o espaço geográfico, destaca-se a capacidade de observação de paisagens, de discriminação de elementos dessa paisagem, de discriminação e tabulação de dados estatísticos, de mapeamento e leitura de dados cartográficos (CAVALCANTI, 2002, p. 15).

Quanto à opinião sobre o ensino de geografia a resposta dos 16 entrevistados foram as seguintes (Figura 03).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

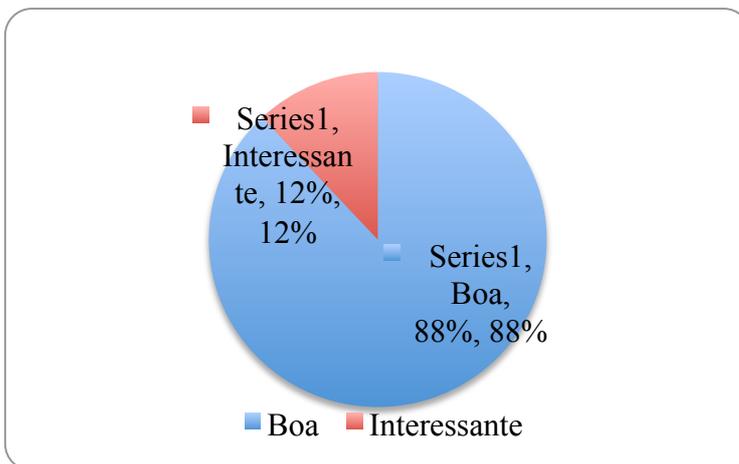


Figura 03: **Opinião dos educandos sobre as aulas de Geografia.**

Elaboração: OLIVEIRA. Pesquisa de campo, Abr. 2010.

Os educandos que responderam que as aulas de geografia são boas fizeram referência ao entendimento que eles conseguem ter sobre o cotidiano, sobre o planeta, os locais e os fenômenos naturais, além do educador explicar bem o assunto e ser competente em sua prática docente. Já os que responderam que as aulas são interessantes são os educandos que gostam da disciplina e tiram notas boas e participam das aulas.

Os recursos didáticos mencionados pelos educandos que estão disponíveis no instituto e utilizados em sala de aula pelo educador são (Figura 04).

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

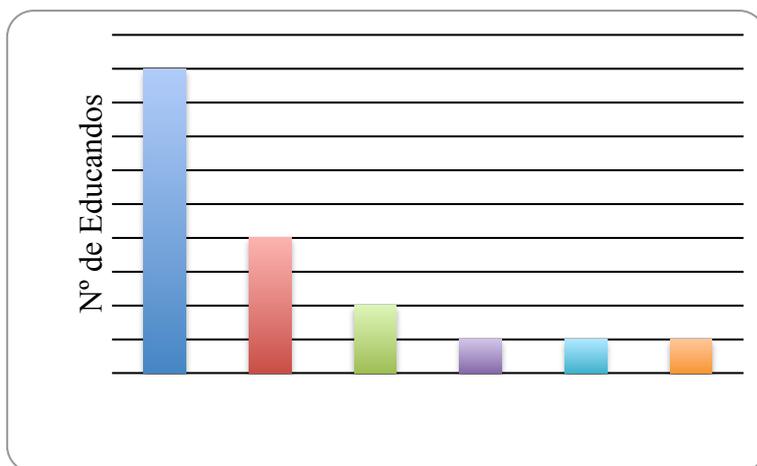


Figura 04: **Os recursos didáticos listados pelos educandos.**

Fonte: OLIVEIRA. Pesquisa de campo, Abr. 2010.

As aulas práticas que foram elencadas pelos educandos são em decorrência do projeto de estágio supervisionado do Laboratório de Ensino de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB, que todo ano traz esse diferencial para as aulas e alguns educandos todo ano são contemplados por estagiários nas séries que estudam.

Quando perguntados como gostariam que fossem às aulas de geografia os educandos mencionaram que gostariam que fossem “mais divertida”; “mais dinâmica”; “com mais silêncio e com mais cooperação dos alunos”, além de haver uma maior “explicação dos mapas - geográficos” e “materiais didáticos para geografia”.

Reafirmando que a educação acontece no processo entre o educador e o educando, ao serem questionados como gostariam de serem avaliados nas aulas de geografia, os educandos não foram concisos em suas respostas e não demonstraram nada de “novo” que venha a modificar o padrão já estabelecido na maioria das escolas quanto à avaliação aplicada. No entanto, a maioria considerou



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

que deve haver uma nota pelo bom comportamento, o visto nos cadernos, mais atividades, trabalhos e as provas orais e escritas.

No objetivo de identificar os conteúdos de geografia que os educandos mais se identificam, o resultado foi o seguinte: “as histórias de como foram ocorridas às mudanças regionais”; a história dos “países”; “o espaço geográfico”, “a globalização” e “os problemas atuais do nosso dia – a - dia”.

Nesse contexto, é importante salientar que para os educandos terem uma visão mais ampla e contextualizada sobre a geografia, o educador precisa fazer com que eles vejam, compreendam, entendam o que é a geografia, para que ela serve, como a identificamos em nosso dia a dia e a sua importância ao ter como objeto de estudo o espaço geográfico.

### CONCLUSÕES

A educação é complexa, infinita e dinamizadora porque cada ciência tem uma particularidade e para que o educando chegue a um estágio de conhecimento e visão mais amplos sobre as ciências a base da educação adquirida nas séries iniciais para qualquer disciplina é fundamental. As respostas do questionário contribuem para que no decorrer do estágio supervisionado o educador – estagiário saiba trabalhar com mais propriedade as dificuldades e limitações da classe escolhida, compartilhar suas experiências com o educador – regente da turma, propor nas reuniões pedagógicas suas idéias e apresentar o processo de trabalho em andamento.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela Doin de. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de Geografia. In: **Revista Terra Livre** – Prática de ensino de geografia, N<sup>o</sup>. 8. São Paulo: Marco Zero (Associação dos geógrafos brasileiros, p. 83 - 90, 1991).
- CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A geografia na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção: Repensando o Ensino).
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- CAVALCANTI, Lana Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 10. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho pedagógico).
- \_\_\_\_\_. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- GEOGRAFIA CRÍTICA**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia\\_critica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_critica)>. Acesso em: Jul. 2010.
- KAERCHER, Nestor André. **Desafios e Utopias no ensino de geografia**. 3. ed. da 2<sup>a</sup> reimpressão. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia?** 9<sup>a</sup> reimpressão da 14. ed. de 1994. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos; 48).
- OLIVEIRA, Aline de Sousa. Revisão de Literatura: O ensino de geografia em discussão. In: OLIVEIRA, A.S; BENEDICTIS, Nêreida Maria Santos Mafra. (Org.). **Relatório de Estágio Supervisionado em Licenciatura Plena em Geografia**. Laboratório de Ensino de geografia, Vitória da Conquista, Bahia: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, 2010. Cap. 1, p. 15 – 26.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Lyda; CACETE, Núria Hanglei (Org.). **Para Ensinar e aprender geografia**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção: Docência em Formação. Ensino Fundamental).
- REVOLUÇÃO FRANCESA**: Terceira Reforma Francesa. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução\\_Francesa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução_Francesa)>. Acesso em: Jul. 2010.